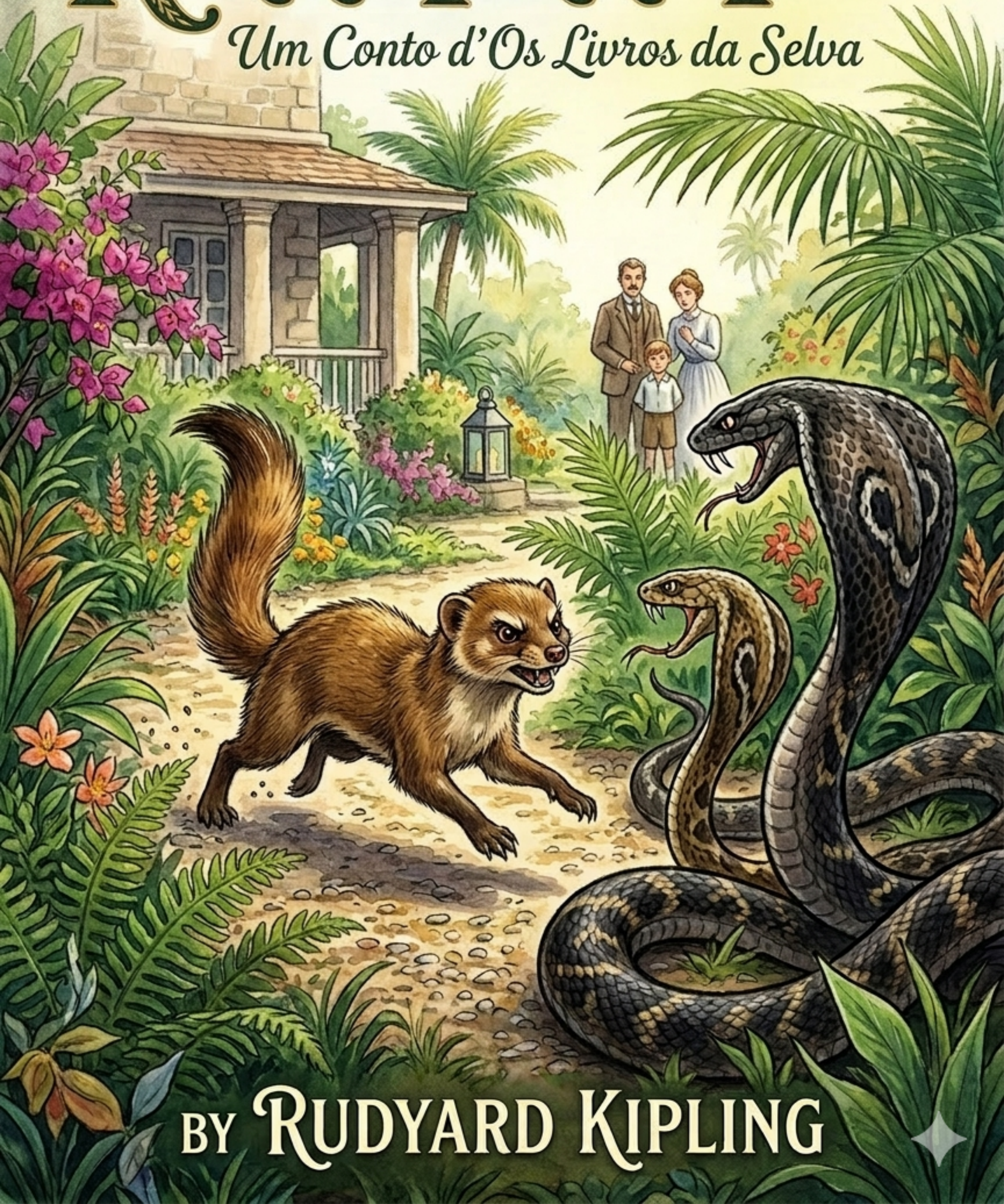


RIKKI-TIKKI-TAVI

Um Conto d'Os Livros da Selva



BY RUDYARD KIPLING

Esta é a história da guerra que Rikki-tikki-tavi travou sozinho nos banheiros do grande bangalô no campo militar de Segowlee. Darzee, o pássaro alfaiate, o ajudou, e Chuchundra, o rato almiscarado, que nunca se arrisca pelo meio da sala — pois sempre se esgueira pelos cantos das paredes —, lhe deu conselhos. Mas quem lutou de verdade foi Rikki-tikki.

Tratava-se de um mangusto, bicho com jeito de gato graças ao pelo e à cauda, mas com cabeça e hábitos de doninha. Seus olhos e a ponta do nariz irrequieto eram rosados. Conseguia coçar qualquer ponto do corpo com uma das pernas dianteira ou traseira. Também era capaz de eriçar os pelos do rabo até ficar parecido com uma escova de limpar mamadeiras. Seu grito de guerra quando deslizava pelo mato alto era: “Rikk-tikk-tikki-tikki-tchk!”.

Um dia, uma violenta enchente de verão o espirrou para fora da toca onde vivia com seus pais. Foi levado, esperneando e gorgolejando, até ser

engolido por um bueiro na beira da estrada. Ali, encontrou um tufo de grama boiando e se segurou nele até desmaiar. Quando voltou a si, estava deitado sob o sol quente, no meio da calçada de um jardim, todo sujo. À sua frente um menino dizia:

— Olha! Um mangusto morto. Vamos fazer um enterro.

— Não — disse sua mãe —, vamos levá-lo e secá-lo. Talvez ainda não esteja morto de verdade.

Ele foi levado para a casa. Um homem bem grande o pegou entre um dedo e um polegar. Disse que não estava morto, só um pouco afogado. Então o embrulharam em lã de algodão e o esquentaram próximo a um pequeno fogareiro. Ele abriu os olhos e espirrou:

— Agora — disse o homem (o pai da família inglesa que acabara de se mudar para o bangalô) —, não o assuste, vamos ver o que ele vai fazer.

Uma das coisas mais difíceis do mundo é assustar um mangusto. Isso porque ele é feito, do focinho à cauda, de muita curiosidade. O lema de todas as famílias de mangustos é “correr e descobrir”. Rikki-tikki era um verdadeiro mangusto. Ele olhou para o tecido de algodão e decidiu que não era bom para comer. Correu em volta da mesa, sentou-se, penteou seu pelo com as próprias unhas e saltou no ombro do menininho.

— Não se assuste, Teddy — disse seu pai. — É o jeito dele de fazer amigos.

— Ai! Ele está fazendo cócegas no meu queixo — disse Teddy.

Rikki-tikki olhou para baixo, entre o colarinho e o pescoço do menino, deu uma cheirada na sua orelha e desceu por ali até o chão, onde sentou-se esfregando o nariz.

— Que fofura — disse a mãe de Teddy —, e olhe que é um animal selvagem! Acho que está manso porque fomos gentis com ele.

— Os mangustos são assim mesmo — disse o marido. — Se Teddy não puxá-lo pelo rabo ou tentar prendê-lo em uma gaiola, ele vai ficar entrando e saindo da casa o dia todo. Vamos lhe dar algo para comer.

Ofereceram um pedacinho de carne crua. Rikki-tikki gostou muito e, depois de terminar, foi até a varanda, sentou-se ao sol e eriçou toda a sua pelagem para que secasse até a raiz. Assim sentiu-se melhor.

— Há mais coisas para aprender sobre esta casa — disse consigo mesmo — do que toda minha família poderia descobrir em uma vida inteira. Certamente vou ficar e observar tudo.

E passou o dia todo perambulando pela casa. Quase se afogou nas banheiras, meteu o focinho no nanquim sobre a escrivaninha e o queimou na ponta do cigarro do homem grande, após subir no seu colo para ver como é que se escrevia. Ao cair da noite, correu para o quarto de Teddy para entender como os lampiões eram acesos. Quando Teddy foi se deitar, Rikki-tikki também foi para a cama. Mas ele era uma companhia inquieta, que se levantava toda hora para verificar cada barulho e suas causas. A mãe e o pai de Teddy foram ao quarto antes de dormir para olhar o menino. Rikki-tikki estava acordado sobre o travesseiro.

— Não gosto disso — disse a mãe de Teddy. — Ele pode morder a criança.

— Ele não faria isso — disse o pai. — Teddy está mais seguro com essa pequenina fera do que se um cão de caça estivesse aqui. Se uma serpente subir no berço, por exemplo...

Mas a mãe de Teddy não queria nem pensar em algo tão terrível assim.

Logo pela manhã, Rikki-tikki chegou para o café na varanda montado no ombro de Teddy. Deram-lhe banana e ovo cozido. Incansável, sentou-se no colo de cada um deles. O sonho de todo mangusto crescido é ser um animal doméstico para ter vários cômodos por onde possa ficar correndo. A mãe de Rikki-tikki (que costumava morar na casa de um general, em Sugaoli) explicou para ele exatamente o que fazer caso algum dia encontrasse os homens brancos.

Rikki-tikki saiu para o jardim para ver o que havia por ali. Era um grande jardim, cultivado só pela metade, com arbustos de rosas Marechal

Niel grandes como casas de veraneio, limoeiros, pés de laranja, touceiras de bambus e chouças de capim alto. Rikki-tikki lambeu os lábios:

— Mas que esplêndida área de caça — disse e seu rabo ficou como a escova de mamadeiras.

Patrulhou cada canto do jardim, cheirando aqui e ali até que ouviu vozes muito angustiadas em uma moita de espinheiro. Era o pássaro Darzee, da espécie alfaiate (*Orthotomus sutorius*), e sua esposa. Eles haviam feito um lindo ninho, com duas grandes folhas juntas e costurado as bordas com fibras. Encheram a cavidade delas de algodão e fiapos fofinhos. O berço balançava de um lado para o outro, com ambos pousados na beira, chorando.

— Qual é o problema? — perguntou Rikki-tikki.

— Estamos arrasados — disse Darzee. — Um de nossos bebês caiu do ninho ontem e Nag o comeu.

— Hum! — disse Rikki-tikki. — Que coisa triste... mas sou novo por aqui. Quem é Nag?

Darzee e sua esposa se encolheram ainda mais no ninho, sem responder, depois que da grama espessa na base do arbusto veio um som frio e horrendo. Rikki-tikki saltou dois passos para trás. Então, centímetro a centímetro, uma cabeça foi aparecendo, se levantando e revelando Nag, uma grande naja negra de mais de um metro e meio. Quando levantou um terço de seu corpo acima do chão, equilibrou-se como um tufo de dente-de-leão balançando ao vento. Direcionou para Rikki-tikki seus malvados olhos de serpente que nunca mudam de expressão.

— Quem é Nag? — disse ele. — *Eu* sou Nag. O grande deus Brahma pôs esta marca no meu povo quando a primeira naja abriu seu capuz para fazer sombra enquanto ele dormia. Olhe e trema!

Nag abriu seu capuz mais do que nunca e Rikki-tikki viu a marca em forma de óculos em suas costas, muito parecida com uma tranca de ferrolho. Por um momento, ele ficou com medo, mas é impossível um

mangusto ficar com medo por muito tempo. Embora nunca tivesse encontrado uma naja, sua mãe já havia trazido algumas dessas, mortas, para ele comer. Sempre lhe pareceu claro que a profissão dos mangustos adultos era caçar e comer serpentes. Nag também sabia disso e, no fundo de seu coração gelado, também estava com medo.

— Bem — disse Rikki-tikki com sua cauda começando a se eriçar de novo —, com ou sem marcas, você acha certo comer um filhote de passarinho que caiu do ninho?

Nag estava atento, observando cada movimento na grama atrás de Rikki-tikki. Ele sabia que mangustos no jardim significavam, cedo ou tarde, sua morte e a de sua família; por isso, queria pegar Rikki-tikki desprevenido. Então, baixou um pouco a cabeça e a pendeu para o lado.

— Vamos conversar — disse. — Se você come ovos, por que eu não posso comer pássaros?

— Atrás de você! Olhe para trás — cantou Darzee.

Rikki-tikki sabia que era perda de tempo ficar encarando e saltou no ar o mais alto que pôde. Abaixo dele, a cabeça de Nagaina, a maldosa esposa de Nag passou como um raio. Ela havia rastejado pela retaguarda enquanto Nag e Rikki-tikki conversavam. Sua intenção era dar um fim no mangusto. Ao errar o bote, ela deu um sibilo irritado. Rikki-tikki aterrissou quase no meio das costas dela e, se fosse um mangusto experiente, teria quebrado sua espinha com uma só mordida. Porém, temeu que ela desferisse outro bote. Na verdade, ele mordeu, mas não forte o bastante. Em seguida, saltou para longe do rabo que chicoteava, deixando Nagaina ferida e furiosa.

— Darzee, seu maldito! — disse Nag saltando o mais alto que conseguia para alcançar o ninho entre os galhos do espinheiro. No entanto, a ave estava fora do alcance das serpentes e o ninho só balançou um pouco.

Rikki-tikki sentiu seus olhos ficarem vermelhos e quentes (quando os olhos de um mangusto ficam vermelhos é porque está bravo). Sentou-se

sobre sua cauda e as patas traseiras, como se fosse um canguru, olhou em volta, batendo os dentes de raiva. Nag e Nagaina já tinham desaparecido no meio do mato. Quando uma cobra erra o bote, ela não dá pistas do que pretende fazer em seguida. Rikki-tikki nem pensou em segui-los. Não tinha certeza se conseguiria enfrentar duas cobras ao mesmo tempo. Assim, foi na direção do caminho de cascalho perto da casa e sentou-se para refletir. Aquilo era assunto sério para ele.

Se você for ler os velhos livros de história natural, descobrirá que eles dizem que quando o mangusto enfrenta uma cobra e acaba picado, ele sai correndo e come algumas ervas medicinais. Isso não é verdade. A vitória é só uma questão de rapidez no olhar e rapidez nas patas — é o bote da cobra contra o salto do mangusto. Como nenhum olhar consegue acompanhar o movimento da cabeça de uma cobra quando ela ataca, isso torna as vitórias dos mangustos mais maravilhosas do que qualquer erva mágica. Rikki-tikki sabia que ele era um jovem mangusto. Isso o deixava orgulhoso, pois tinha acabado de escapar de um bote traiçoeiro. Muito confiante, estava pronto para ganhar seu carinho quando Teddy veio correndo pela calçada.

No momento em que Teddy estava se curvando, algo se contorceu um pouquinho na areia. Uma vozinha disse:

— Cuidado. Sou a morte!

Era Karait, um filhote de serpente marrom que gosta de ficar à espreita na terra poeirenta, cuja picada é tão venenosa quanto a de uma naja. Mas ele era tão pequeno que ninguém ligava muito. Por isso, acabava causando ainda mais estrago.

Os olhos de Rikki-tikki ficaram vermelhos novamente. Ele se colocou em pé, dançando para Karait com o remelexo balançante herdado de sua família. A princípio, aquilo parecia engraçado, mas era um jeito de andar tão bem equilibrado que permitia ao jovem mangusto escapar por qualquer ângulo necessário. Quando se trata de serpentes, isso é uma

baita vantagem. Rikki-tikki nem desconfiou, mas estava fazendo uma coisa muito mais perigosa do que lutar com Nag. Karait, por ser pequeno, pode virar-se com tal rapidez que, a menos que Rikki o mordesse bem perto da nuca, ele daria outro bote em seu olho ou na boca. Rikki não sabia disso. Seus olhos estavam vermelhos e ele se balançava para a frente e para trás, procurando uma brecha para atacar. Karait atacou. Rikki saltou para o lado e tentou uma investida direta, mas a malvada cabecinha marrom chicoteou perto de seu ombro e ele saltou por cima dela, que passou raspando por seus calcanhares.

Teddy gritou na direção da casa:

— Ei, venham ver! Nosso mangusto está matando uma cobra.

Rikki-tikki ouviu um grito da mãe de Teddy. Seu pai correu para fora com uma vara, mas, até chegar, Karait já tinha sido dominada, pois Rikki-tikki havia saltado, montado em suas costas, colocado sua cabeça entre as duas patas dianteiras, mordido o mais próximo da nuca e rolado para o lado. A mordida paralisou Karait, e Rikki-tikki já ia comê-la, começando pelo rabo, como é o costume nas refeições da família, quando lembrou-se de que um prato cheio faz com que um mangusto fique lento. Se ele quisesse continuar forte e rápido, precisava se manter magro.

Saiu para tomar um banho de areia debaixo dos arbustos de mamona enquanto o pai de Teddy acabava de matar Karait.

— Pra que isso? — pensou Rikki-tikki. — Eu já tinha resolvido o problema.

A mãe de Teddy o pegou no colo com um abraço. Segundo ela, o mangusto salvou a vida do menino. Já seu pai falou que aquilo foi um milagre. Os olhos de Teddy estavam arregalados de susto. Rikki-tikki ficou surpreso com toda aquela comoção, que, é claro, não fazia sentido nenhum para ele. Para Rikki, a mãe do menino podia bem deixá-lo brincar na areia, que estava muito divertida.

Naquela noite, durante o jantar, andando para lá e para cá entre as garrafas de vinho na mesa, Rikki poderia ter se empanturrado com as guloseimas. Lembrou-se, no entanto, de Nag e Nagaina e achou que era melhor ser afagado e mimado pela mãe de Teddy. Depois, sentou-se no ombro do menino. Seus olhos ficavam vermelhos de vez em quando e ele soltava seu longo grito de guerra:

— Rikk-tikk-tikki-tikki-tchk!

Teddy o levou dali para a cama e insistiu que Rikki-tikki dormisse abraçado com ele. O mangusto era muito educado e não mordida nem arranhava, mas logo que Teddy caiu no sono, ele decidiu dar sua caminhada noturna pela casa. No escuro, trombou com Chuchundra, o rato-almiscarado, rastejando, encostado à parede. Chuchundra é um pequenino bicho tristonho. Choraminga e pia a noite toda, juntando coragem para correr até o meio da sala. Nunca consegue.

— Não me mate — disse Chuchundra quase chorando. — Não me mate, Rikki-tikki!

— Você acha que um matador de serpentes feito eu mata ratos-almiscarados? — disse Rikki-tikki com desdém.

— Quem mata serpentes acaba morto por serpentes — disse Chuchundra mais angustiado que nunca. — E quem me garante que Nag não vai me confundir com você numa noite escura?

— Não existe a mínima possibilidade — disse Rikki-tikki. — Nag fica no jardim e eu sei que você não vai lá.

— Meu primo Chua, o rato, me contou que... — começou Chuchundra e parou.

— Contou o quê?

— Shh! Nag está em todo lugar, Rikki-tikki! Você devia ter conversado com Chua, no jardim.

— Mas não conversei... Diga logo, Chuchundra, senão te mordo!

Chuchundra sentou-se e chorou até as lágrimas rolaem por seus bigodes:

— Sou um miserável — soluçou. — Nunca tive coragem suficiente para correr até o meio da sala. Shh! Não posso te contar nada. Não está ouvindo, Rikki-tikki?

Ele ouviu. A casa estava quieta como uma pedra, mas o mangusto desconfiou de um farfalhar extremamente discreto, um som tão fraco quanto uma vespa andando no vidro da janela. Era o arranhar seco das escamas de uma serpente sobre o chão de tijolos.

— É Nag ou Nagaina — disse para si mesmo — rastejando para dentro da calha do banheiro. Você está certo, Chuchundra, eu devia ter falado com Chua.

Saiu à toda para o banheiro de Teddy, mas como não havia nada lá, seguiu para o banheiro da mãe. Na base da parede havia um tijolo empurrado para fora, por onde escoava a água do banho. Rikki-tikki passou pela beirada da alvenaria e ouviu o casal de najas cochichando lá fora, sob o luar:

— Quando as pessoas saírem da casa — disse Nagaina ao marido —, ele também terá de sair. Assim, o jardim será nosso outra vez. Entre em silêncio e lembre-se de que o homem grande que matou Karait é o primeiro a ser picado. Depois, saia e me diga para caçarmos Rikki-tikki juntos.

— Você tem certeza de que matar essas pessoas é uma boa ideia? — disse Nag.

— É ótima. Quando o bangalô estava vazio, por acaso havia algum mangusto no jardim? Sem ninguém lá, voltaremos a ser os reis do lugar. E lembre-se: assim que nossos filhotes nascerem dos ovos escondidos nas ramas de melão, talvez já amanhã, eles precisarão de espaço e tranquilidade.

— Não tinha pensado nisso — disse Nag. — Estou indo, mas não precisaremos caçá-lo depois. Mato o homem grande, sua esposa, a criança e saio silenciosamente. Daí, com o bangalô vazio, o mangusto irá embora.

Rikki-tikki sentiu um formigamento de raiva e ódio ao ouvir aquilo. Imediatamente, a cabeça de Nag entrou pela calha seguida por seu corpo frio de um metro e meio. Mesmo bravo como estava, ele ficou com medo diante do tamanho da grande naja. Nag se enrolou, elevou sua cabeça e olhou para dentro do banheiro escuro. O mangusto pôde ver seus olhos brilhando.

— Se eu o matar aqui, Nagaina saberá. Terei menos chances de vencer se lutar aqui no chão. O que devo fazer? — pensou Rikki-tikki-tavi.

Nag foi rastejando adiante. O mangusto o ouviu bebendo água na jarra maior, usada para encher a banheira.

— Que delícia! — disse a serpente. — Quando Karait foi morto, o homem grande tinha uma vara. Ele ainda deve ter essa vara, mas certamente não virá tomar banho com ela amanhã cedo. Portanto, vou esperar aqui até ele entrar. Nagaina, está me ouvindo? Vou esperar aqui no chão fresco até o amanhecer.

Não houve resposta de fora e, por isso, ele sabia que Nagaina havia ido embora. Nag se enrolou todo, como uma mola, em volta do bojo na base da jarra. Rikki-tikki manteve-se parado como morto. Depois de uma hora, começou a se mover, músculo por músculo, na direção da jarra. Nag estava dormindo. O mangusto observou suas costas enormes, perguntando-se qual seria o melhor lugar para o ataque.

— Se não quebrar a espinha no primeiro salto — disse Rikki —, ele ainda poderá lutar. E, se puder, será um problema!

Observou a grossura do pescoço abaixo do capuz, era grande demais para ele. Uma mordida perto do rabo só deixaria Nag enlouquecido.

— Tem de ser na cabeça — disse, finalmente —, pouca coisa acima do capuz. E, quando eu morder, não poderei mais soltar.

Saltou. A serpente repousava um pouco distante da jarra, sob uma reentrância. Quando as presas do mangusto se fecharam abocanhando a cobra, Rikki apoiou suas costas contra o bojo de barro vermelho para evitar que

Nag levantasse a cabeça. Essa vantagem de um segundo precisava ser aproveitada ao máximo. Depois, foi chacoalhado para todos os lados como se fosse um rato grudado em um cachorro — para cima e para baixo, em grandes círculos. Seus olhos estavam vermelhos e ele segurou firme enquanto o corpo achatado da cobra se contorcia no chão, balançando a concha de latão, o pires do sabonete e a escova para as costas. Foram várias pancadas na lateral da banheira de latão. Enquanto segurava, apertava suas mandíbulas o máximo que podia. Estava certo de que seria espancado até a morte, porém, pela honra de sua família, preferia ser encontrado com os dentes travados. Já estava zozinho, dolorido e sentindo-se em pedaços após tamanha luta quando algo explodiu como um trovão atrás dele. Um vento quente apagou seus sentidos e uma faísca vermelha chamuscou seu pelo. O homem grande tinha sido acordado pelo barulho. Veio até o banheiro e disparou dois tiros de espingarda em Nag, bem no capuz.

Rikki-tikki continuou mordendo com os olhos fechados. Agora, estava certo de que a cobra estava morta. O homem grande o segurou:

— É o mangusto novamente, Alice. Nosso amiguinho nos salvou mais uma vez.

Então a mãe de Teddy entrou, muito pálida, vendo o que havia sobrado de Nag, enquanto Rikki-tikki se arrastava para o quarto. Ficou por lá o resto da noite, sacudindo-se com cuidado para ver se não tinha se despedaçado em quarenta partes.

Quando a manhã chegou, o mangusto estava todo dolorido, mas muito satisfeito com suas façanhas.

— Agora preciso acertar as contas com Nagaina. Acho que será pelo menos cinco vezes pior do que foi enfrentar Nag. Também não tenho como saber quando os filhotes dela vão sair dos ovos. Pelos deuses! Preciso ver Darzee — disse.

Sem nem esperar pelo café da manhã, Rikki-tikki correu para o espinheiro onde Darzee estava cantando uma canção de vitória o mais alto

que podia. A notícia sobre a morte de Nag se espalhou pelo jardim depois que o faxineiro jogou o corpo da cobra na lixeira.

— Seu tufo de penas idiota! — disse Rikki-tikki furioso. — Acha que é hora de cantarolar?

— Nag morreu... morreu... morreu! — cantou Darzee. — O valente Rikki-tikki pegou sua cabeça e mordeu pra valer. O homem grande trouxe a vara de trovão e Nag ficou em pedaços! Nunca mais vai comer meus filhotes.

— Tudo isso é bem verdade, mas onde está Nagaina? — disse Rikki-tikki, olhando cuidadosamente em volta.

— Nagaina foi até a calha do banheiro e chamou por Nag — continuou Darzee —, porém, o que ela viu foi Nag saindo de lá pendurado numa vara... o faxineiro o pegou com a ponta da vara e o jogou no monte de lixo. Por isso, grande Rikki-tikki dos olhos vermelhos, deixe a gente cantar! — E Darzee encheu o peito e cantou.

— Se eu alcançasse o seu ninho, jogaria seus bebês para baixo! — disse Rikki-tikki. — Existe a hora certa para cada coisa. Você está bem seguro aí no seu ninho, mas aqui embaixo estamos em guerra. Pare de cantar um pouco, Darzee.

— Se esta é a vontade do grande e belo Rikki-tikki, eu paro — disse Darzee. — O que deseja, senhor matador do terrível Nag?

— Pela terceira vez: onde está Nagaina?

— Na pilha de lixo, perto dos estábulos, velando Nag. Rikki-tikki é um gigante e seus dentes são brilhantes.

— Que dentes brilhantes, o quê! Você sabe onde ela botou seus ovos?

— Nas ramas de melão, lá no fundo, perto do muro, onde bate sol quase o dia todo. Ela os escondeu lá semanas atrás.

— E nunca passou pela sua cabeça me contar isso? No fundo, pertinho do muro, certo?

— Rikki-tikki, você vai comer os ovos dela?

— Comer, não, exatamente. Darzee, se você tem um pingo de juízo, voe até o estábulo, finja que está com a asa quebrada e deixe Nagaina te perseguir até este arbusto. Preciso ir até os melões, mas, se eu for agora, ela vai me ver.

Darzee era um passarinho com cérebro de minhoca que não conseguia pensar em duas coisas ao mesmo tempo. Exatamente pelo fato de os filhos de Nagaina nascerem de ovos como os seus, ele não achava justo matá-los. Sua esposa, todavia, era uma ave sensível e sabia que ovos de naja logo significariam mais najas. Então ela voou do ninho e deixou Darzee tomando conta dos bebês, cantando sua canção sobre a morte de Nag. Darzee se parecia muito com um homem em certos aspectos.

Ela bateu as asas na frente de Nagaina, perto do monte de lixo, e gritou:

— Ai, minha asa está quebrada! O menino da casa jogou uma pedra e quebrou... — disse, batendo as asas mais desesperadamente do que nunca.

Nagaina levantou a cabeça e sibilou:

— Você avisou Rikki-tikki quando tentei matá-lo. Agora, o que posso dizer é que você escolheu um péssimo lugar para capengar.

E foi deslizando sobre a areia na direção da esposa de Darzee.

— O menino quebrou minha asa com uma pedra! — piou a esposa de Darzee.

— Que bom! Para seu consolo, quando estiver morta, saiba que ainda vou acertar as contas com o menino. Meu marido jaz sobre o monte de lixo agora, mas, antes do anoitecer, o menino da casa também estará deitado e bem quietinho. Para que tentar fugir? Não pode escapar. Tolinha, olhe para mim!

A esposa de Darzee sabia que não era uma boa ideia para um pássaro olhar nos olhos de uma serpente, pois o medo poderia congelá-la. Continuou batendo as asas, piando com tristeza e se mantendo no chão. Nagaina se apressou.

Rikki-tikki a ouviu vindo pela calçada dos estábulos. Correu para o fundo, no canteiro dos melões, perto do muro. Ali, quentinhos sobre a folhagem e bem escondidos repousavam vinte e cinco ovos, parecidos com os de codorna. Todos envoltos por uma membrana ao invés de casca.

— Cheguei bem a tempo — disse ele, porque dava para ver os bebês naja enrolados dentro da membrana. Ele sabia que, no minuto em que nascessem, cada uma delas seria capaz de matar um homem ou um mangusto.

Ele arrancou o topo dos ovos com os dentes, o mais rápido que podia, cuidando para esmagar as jovens najas, virando a folhagem de vez em quando para ver se tinha deixado alguma escapar. Ao final, só faltavam três ovos. O mangusto começou a rir sozinho quando ouviu a esposa de Darzee gritando:

— Rikki-tikki, eu atraí Nagaina para perto da casa e ela foi para a varanda. A intenção dela é matar!

Ele quebrou mais dois ovos e deu uma cambalhota para trás, descendo do canteiro dos melões com o terceiro ovo na boca. Correu para a varanda assim que colocou seus pés no chão. Teddy, sua mãe e seu pai estavam ali para o café da manhã, mas Rikki-tikki viu que não estavam comendo nada. Estavam imóveis e pálidos. Nagaina estava enrolada sobre o tapete perto da cadeira de Teddy, a uma distância tal que seu bote alcançaria facilmente a perna do menino. Ela se balançava para a frente e para trás, cantando sua canção de vitória.

— Filho do homem grande que matou Nag — ela sibilou —, fique parado. Ainda não estou pronta. Espere um pouquinho. Quero toda a família bem quietinha! Se você se mexerem, darei meu bote; se não se mexerem, também. Gente tola que matou meu Nag!

Os olhos de Teddy fitavam seu pai, que só era capaz de sussurrar:

— Fique parado, Teddy. Não se mexa. Fique quieto.

Então Rikki-tikki apareceu e gritou:

— Olhe para cá, Nagaina. Vire e lute!

— Tudo a seu tempo — disse ela sem mover os olhos. — Ainda chegará a hora de acertar as contas com você. Veja só seus amigos, Rikki-tikki. Estão parados e pálidos. Estão com medo. Não ousam se mexer. Se você der mais um passo, dou o bote.

— Vá ver seus ovos no canteiro de melões, perto do muro— disse Rikki-tikki. — Vá lá olhar, Nagaina!

A grande serpente virou-se para trás e viu o ovo na varanda:

— Me dê isso — ela disse.

Rikki-tikki colocou cada uma de suas patas ao lado do ovo. Seus olhos estavam vermelho-sangue.

— Quanto vale um ovo de cobra? De uma jovem naja? De uma jovem naja real? Quanto vale a última pequenina da ninhada? As formigas já estão comendo as outras lá no canteiro de melões.

Nagaina deu um giro completo, esquencendo-se de tudo. Toda sua atenção agora voltava-se para aquele único ovo. Rikki-tikki viu o pai de Teddy esticar sua grande mão, agarrar Teddy pelos ombros e o puxar por cima da mesa com as xícaras de chá, colocando-o fora do alcance de Nagaina.

— Te enganei! Te enganei! Enganei! *Rikk-tck-tck!* — repicou Rikki-tikki. — O menino está a salvo e fui eu, eu, eu quem pegou Nag pelo capuz ontem à noite no banheiro.

Então ele começou a pular para cima e para baixo, com as quatro patas e a cabeça próxima ao chão.

— Ele me jogou para todo lado, mas não conseguiu se livrar de mim. Ele já estava morto quando o homem grande o estraçalhou em dois. Mas fui eu! *Rikki-tikki-tck-tck!* Venha, Nagaina. Venha brigar comigo. Você não será viúva por muito tempo.

Nagaina percebeu que tinha perdido a chance de matar Teddy, e o ovo continuava entre as patas de Rikki-tikki.

— Me dê esse ovo, Rikki-tikki. Me dê o último dos meus ovos e irei embora para nunca mais voltar — disse ela baixando o capuz.

— Sim, você vai mesmo embora para nunca mais voltar, pois vai para o monte de lixo junto com Nag. Lute, viuva! O homem grande foi pegar a arma! Lute!

Rikki-tikki ficou circundando Nagaina, mantendo-se fora do alcance do bote. Seus olhos eram dois carvões em brasa. Nagaina aprumou-se e disparou contra ele, que saltou para cima e para trás. A cobra atacou inúmeras vezes. Em cada ataque sua cabeça batia contra o tapete da varanda. Imediatamente, ela se enrolava de novo, como uma mola de relógio. Então o mangusto dançou em círculos para ficar atrás dela enquanto Nagaina girava para ficar frente a frente. O rastejar de sua cauda sobre o tapete soava como folhas secas sopradas ao vento.

Ele tinha se esquecido do ovo, que ainda estava na varanda. Nagaina chegou cada vez mais perto dele até que, finalmente, enquanto Rikki-tikki recuperava o fôlego, ela pegou o ovo com a boca, virou-se para os degraus e voou como uma flecha para a calçada. Ele disparou atrás dela. Quando uma naja corre para salvar sua vida, parece um chicote estalando nas costas de um cavalo.

Rikki-tikki sabia que precisava alcançá-la ou o problema não estaria resolvido. A serpente avançava em direção ao capim alto perto do espigueiro. Enquanto ela fugia, o mangusto ouvia Darzee cantar sua tola musiquinha da vitória. A esposa do pássaro, por sua vez, era bem mais esper-ta. Ao ver a cena, voou de seu ninho enquanto Nagaina se aproximava e bateu as asas sobre a cabeça da naja. Se Darzee a tivesse ajudado, teriam conseguido desviá-la, mas Nagaina só baixou o capuz e continuou. Mesmo assim, esse momento de distração fez com que Rikki-tikki a alcançasse e, quando ela mergulhou na toca de rato onde morava com Nag, os pequenos dentes brancos do mangusto morderam sua cauda. Ela o arrastou para dentro — pouquíssimos membros dessa espécie, por mais espertos e

experientes que sejam, se arriscam a seguir uma naja em sua toca. Estava escuro lá dentro. Rikki-tikki não tinha como saber quando a toca se alargaria, dando espaço para o contra-ataque de Nagaina. Ele a segurou bravamente e usou os pés como freios nas paredes de terra quente e úmida.

Logo a grama na boca da toca parou de mexer e Darzee disse:

— É o fim de Rikki-tikki! Devemos cantar em seu lamento. O valente Rikki-tikki morreu! Porque Nagaina certamente o matará debaixo da terra.

Então entoou uma canção muito triste, inventada no calor daquele momento. Na parte mais emocionante da melodia, a grama agitou-se novamente e Rikki-tikki, todo sujo de terra, se arrastou para fora da toca, uma perna de cada vez, lambendo os bigodes. Darzee parou com um gritinho. O mangusto sacudiu um pouco da terra dos pelos e espirrou.

— Acabou — disse ele. — A viúva nunca mais sairá daí.

As formigas vermelhas que vivem por entre os caules das gramas o ouviram e começaram a marchar em fila para ver se ele falava mesmo a verdade.

Rikki-tikki se enrolou todo e dormiu ali mesmo, na grama. Dormiu até o final da tarde. Seu dia tinha sido muito cansativo.

— Agora — disse ao acordar —, vou voltar para casa. Conte ao caldeireiro, Darzee, e ele vai espalhar pelo jardim que Nagaina está morta.

O caldeireiro é um pássaro que faz exatamente o mesmo barulho de um martelo batendo num pote de cobre. A razão pela qual ele faz isso é por ser o jornalista dos jardins da Índia. Ele conta as notícias para quem quiser ouvir. Enquanto Rikki-tikki seguia pela calçada, ouviu um aviso de “atenção” parecido com um pequeno gongo de cozinha e depois um rápido “*Dim-dom-toc! Nag está morto. Dom! Nagaina está morta! Dim-dim-toc!*”. Aquilo fez com que todos os pássaros do jardim cantassem e os sapos coxassem, pois Nag e Nagaina costumavam comer sapos e pássaros.

Quando Rikki chegou à casa, Teddy, sua mãe, que ainda estava pálida por ter desmaiado), e seu pai saíram e quase choraram ao vê-lo. Naquela

noite, ele comeu tudo o que lhe deram até não poder mais e foi para a cama no ombro de Teddy. A mãe do menino viu os dois dormindo juntos quando foi dar uma olhada no meio da noite.

— Ele salvou nossa vida e a de Teddy — disse ela ao marido. — Pense nisso, ele salvou a todos.

Rikki-tikki acordou de um salto, porque mangustos têm o sono leve.

— Ah, é você — disse. — Por que está preocupado? Todas as najas estão mortas. E, se escapou alguma, aqui estou eu.

Rikki-tikki fazia muito bem em se orgulhar, mas nunca em demasia. Sabia das suas obrigações e cuidou daquele jardim como um mangusto deve cuidar, com dentes e saltos, pulos e mordidas. Nenhuma outra naja se atreveu a dar as caras naquele quintal.